

cadernos
IHU
ideias

Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?

Serge Latouche



Os *Cadernos IHU ideias* apresentam artigos produzidos pelos convidados-palestrantes dos eventos promovidos pelo IHU. A diversidade dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é um dado a ser destacado nesta publicação, além de seu caráter científico e de agradável leitura.



cadernos **IHU** ideias

Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?

Serge Latouche

ano 10 nº 164 2012 ISSN 1679-0316

 UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor

José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo

Jacinto Aloisio Schneider

Cadernos IHU ideias

Ano 10 – Nº 164 – 2012

ISSN: 1679-0316

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Profa. Dra. Marilene Maia – Unisinos

Dra. Susana Rocca – Unisinos

Conselho científico

Prof. Dr. Adriano Naves de Brito – Unisinos – Doutor em Filosofia

Profa. Dra. Angélica Massuquetti – Unisinos – Doutora em Desenvolvimento,
Agricultura e Sociedade

Prof. Dr. Antônio Flávio Pierucci – USP – Livre-docente em Sociologia

Profa. Dra. Berenice Corsetti – Unisinos – Doutora em Educação

Prof. Dr. Gentil Corazza – UFRGS – Doutor em Economia

Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel – UERGS – Doutora em Medicina

Profa. Dra. Suzana Kilpp – Unisinos – Doutora em Comunicação

Responsável técnico

Marcelo Leandro dos Santos

Revisão

Isaque Gomes Correa

Tradução

Vanise Dresch

Editoração

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467

www.ihu.unisinos.br

SERÁ O DECRESCIMENTO A BOA NOVA DE IVAN ILLICH?

Serge Latouche

*O que faço em minha casa,
com os meus, para vivermos à minha maneira,
tu podes também fazer em tua casa,
com os teus, para viverem à tua maneira.*

Ingmar Granstedt¹

Se acompanharmos o raciocínio de Ivan Illich, nos diz o filósofo Jean-Pierre Dupuy, um dos familiarizados com o primeiro em seu artigo necrológico, o desaparecimento programado da sociedade de crescimento, devido aos limites do planeta e às diversas crises ambientais sofridas por ele, não é necessariamente uma má notícia. “A boa nova é que não é primeiramente para evitar os efeitos colaterais negativos de determinada coisa, que seria boa em si mesma, que precisamos renunciar ao nosso modo de vida – como se tivéssemos de arbitrar entre o prazer de uma iguaria deliciosa e os riscos aferentes. Não. É pelo fato de a iguaria ser intrinsecamente ruim que seríamos bem mais felizes se nos afastássemos dela. Viver de outro modo para viver melhor”.² Essa é essencialmente a definição da sociedade de decrescimento, tal como foi formulada nos anos 1980 por André Gorz, outro próximo de Ivan Illich. “O sentido da racionalização ecológica – escreve Gorz – pode resumir-se no lema ‘menos, mas melhor’. Sua meta é uma sociedade em que se viva melhor trabalhando e consumindo menos. A modernização ecológica exige que o investimento não sirva mais ao crescimento, e sim ao decrescimento da economia, ou seja, ao encolhimento da esfera regida pela racionalidade econômica em sua acepção moderna. Não pode haver modernização ecológica sem restrição

1 Ingmar Granstedt, *Du chômage à l'autonomie conviviale*. Col. La ligne d'horizon, ed “A plus d'un titre”, 2ème ed. Lyon, 2007, 1ère édition 1982, p. 25.

2 Jean-Pierre Dupuy, “Ivan Illich ou la bonne nouvelle”, *Le monde* de 27-12-2002.

da dinâmica do acúmulo capitalista nem redução do consumo por autolimitação”.³

O decrescimento não seria então a boa notícia de Ivan Illich? As análises do *desvalor* e da *contraprodutividade* assim como, é claro, toda a visão de Illich sobre a *convivialidade* e a sobriedade necessárias seguem essa direção. Todavia, Illich não empregou explicitamente o termo decrescimento, e não encontramos em sua obra uma apresentação sistemática da “utopia concreta” daquilo que seria uma “sociedade de decrescimento”.⁴ Assim, se Illich é mesmo um dos “pais” do decrescimento, talvez o seja à sua revelia.

1 Os temas “decescentes” do pensamento de Ivan Illich

Sem dúvida, Illich não empregou explicitamente o termo decrescimento, pela simples razão de que a palavra inexistente nas línguas (inglês e alemão) que ele usava com maior frequência.⁵ Sabe-se que o termo é praticamente intraduzível. No entanto, durante o congresso “Desfazer o desenvolvimento, refazer o mundo”, realizado em Paris em março de 2002, numa de suas últimas manifestações públicas, Illich fez sua – pelo menos implicitamente – essa ideia que estava em debate de um decrescimento necessário e desejável. Em todo caso, encontramos em sua obra quase todos os temas da “objeção ao crescimento”: a insustentabilidade do desenvolvimento e de nosso modo de vida, o *desvalor* e a *contraprodutividade*, a colonização do imaginário, a autolimitação das necessidades, a *convivialidade*, a pedagogia das catástrofes.

1.1 A insustentabilidade do desenvolvimento e de nosso modo de vida

Em seu artigo do jornal *Le Monde*, Jean-Pierre Dupuy lembra que, já nos anos 1970, Illich havia mostrado que nosso crescimento e nosso desenvolvimento não eram sustentáveis. Nosso modo de vida está, a termo, infalivelmente condenado, afirmou ele, em particular, no texto de 1971 intitulado “Libertar o futuro”. Essa insustentabilidade se baseia em razões tanto sociais como ecológicas desenvolvidas em suas diferentes análises. Na verdade, toda a obra de Illich consiste em pôr em xeque o desenvolvimento, o crescimento econômico, a industrialização

3 André Gorz, *Capitalisme, socialisme, écologie*. Paris, Galilée 1991, p. 93. A expressão “modernização ecológica” não é muito pertinente, no nosso entender, para designar a superação das contradições da sociedade de crescimento.

4 Algo comparável ao nosso esquema em oito “R”: Reavaliar, Reconceituar, Reestruturar, Redistribuir, Relocalizar, Reduzir, Reutilizar, Reciclar; para nós, esses oito objetivos interdependentes são capazes de desencadear um processo de decrescimento sereno, convivial e sustentável.

5 Em suas obras completas em francês, encontrei a palavra uma única vez.

com sua técnica heterônoma e o modo de vida moderno, mas ele nunca faz a crítica frontalmente, e sim através da análise das instituições e das transformações. Arqueólogo da modernidade e historiógrafo das mutações, ele estuda minuciosamente a implantação dos serviços, o nascimento da necessidade, a destruição do vernáculo e a perda de autonomia, sem jamais tentar uma síntese. De certa maneira, delegou-a aos seus discípulos Wolfgang Sachs e Gustavo Esteva.⁶ Foi em “A história das necessidades” que Illich fez a mais clara denúncia do desenvolvimento como gerador de pobreza modernizada. “Os projetos de crescimento se transformam rapidamente em ruínas e detritos no meio dos quais precisamos aprender a viver. [...] Mudança climática, esgotamento energético, poluição, destruição das diversas formas de imunidade, elevação do nível do mar e, a cada ano, milhões de refugiados errantes”.⁷ Com a globalização, estaríamos até mesmo assistindo à mutação do *homo oeconomicus* em *homo miserabilis*, o homem necessitado. A generalização do desenvolvimento destrói a pobreza/frugalidade vernácula, arranca as pessoas da “cultura tradicional comum” e gera necessidades que ele é incapaz de satisfazer. “Nenhuma estratégia de desenvolvimento concebível voltada para o emprego poderia gerar trabalho suficiente para empregar um terço ou um quarto da população mais desvalida”.⁸ O crescimento e o desenvolvimento transformam todos em “intoxicados necessitados”.

1.2 A contraprodutividade

A *contraprodutividade* representa um tema central do pensamento de Ivan Illich. Provavelmente origina-se de sua filosofia ou mesmo de sua teologia, através daquele adágio escolástico que serve de título ao seu último livro: a corrupção do melhor engendra o pior.⁹ A ideia de *contraprodutividade* repousa na observação de que, além de um dado limiar, os efeitos de uma instituição (seja de uma invenção social, seja de uma invenção técnica) inicialmente positivos tornam-se negativos. É o que acontece com o sistema de saúde, a escola, os transportes, o crescimento e o desenvolvimento. A medicina acaba por provocar doença, a escola gera ignorância, o crescimento/desenvolvimento empobrece... A análise mais espetacular da *contraprodutividade* feita juntamente com Jean Robert e Jean-Pierre Dupuy refere-se ao sistema automobilístico. Mais além de um determinado limiar, já ultrapassado há muito tempo, a mobilidade que o automóvel su-

6 Em particular, Wolfgang Sachs e Gustavo Esteva, *Des ruines du développement*, Montreal; Ecosociété, 1996; e *The development dictionary* (edited by Wolfgang Sachs), Londres, Zed Books, 1992.

7 L'histoire des besoins (1988), in: La perte des sens, Paris, Fayard 2004, p 71.

8 Ibid., p. 92.

9 Illich Ivan; David Cayley, *La corruption du meilleur engendre le pire*. Actes Sud, 2007.

postamente oferece é ilusória. É assim nas grandes aglomerações urbanas, onde o excesso de veículos deu ao caminhante bípede uma vantagem não desprezível. O sistema de transporte automobilístico é certamente o mais ineficaz de todos aqueles já inventados pelo homem. Hoje, em Pequim, por exemplo, o automobilista não consegue ultrapassar 8 km/h em média. Ivan Illich e Jean-Pierre Dupuy calcularam que, se incluirmos no tempo de deslocamento de um veículo o tempo de imobilidade gasto nos engarrafamentos, o tempo de trabalho necessário para pagar a compra, a gasolina, os pneus, os pedágios, o seguro, as multas (sem falar dos acidentes), o que podemos chamar de *velocidade generalizada* não ultrapassa 6 km/h, isto é, mais ou menos a velocidade do pedestre.¹⁰ Nessas condições, a bicicleta é muito superior ao automóvel! É urgente, conclui Illich, que o homem contemporâneo compreenda “que a aceleração tão desejada aumentará seu aprisionamento e, uma vez alcançadas, suas reivindicações marcarão o fim de sua liberdade, de seu lazer e de sua independência”.¹¹

1.3 O desvalor

O *desvalor* designa “a perda que não se poderia calcular em termos econômicos”. Uma perda que o economista não pode verdadeiramente avaliar. Assim, segundo Illich, “não há meio de calcular o que acontece com uma pessoa que perde o uso efetivo de seus pés pelo fato de o automóvel exercer um monopólio radical sobre a locomoção. Aquilo de que essa pessoa é privada não é da ordem da escassez. Atualmente, para ir daqui ali, ela deve comprar quilômetro-passageiro. O meio geográfico lhe paralisa os pés. O espaço foi convertido numa infraestrutura destinada aos veículos. Isso quer dizer que os pés estão obsoletos? Certamente não. Os pés não são ‘meios rudimentares de transporte pessoal’, como certos responsáveis pelas redes viárias querem nos fazer crer. Mas o problema é que, estando agora aderidas ao econômico (para não dizer anestesiadas), as pessoas se tornaram cegas e indiferentes à perda induzida pelo desvalor”.¹²

De certa maneira, o “desvalorizar” pode ser dissimulado pelo imperialismo economicista e pela mercantilização desvairada do vernáculo. Chega-se ao ponto de lamentar que o trabalho não tenha estendido suficientemente seu império e sua dominação à vida e que as tarefas domésticas ou o voluntariado não sejam contemplados nas contabilidades nacionais ou mesmo retri-

10 Ivan Illich, *Énergie et équité*, Seuil, 1977. Jean-Pierre Dupuy et Jean Robert, *La trahison de l'opulence*, PUF, Paris 1976.

11 Illich, *Énergie et équité*. Op. Cit., p. 80.

12 Ivan Illich, “Des choix hors économie: pour une histoire du déchet”. In: *œuvres complètes* tome II, op. cit., p. 744.

buídos. Como adverte Ivan Illich, as feministas também estariam enganadas ao reivindicar salários pelo “trabalho” doméstico. “O melhor que poderiam esperar não é um preço representativo (*shadow price*) para as tarefas domésticas, e sim um preço de consolo”.¹³ O talento e o *savoir faire* específico do gênero vernáculo são desvalorizados nesse “reconhecimento” salarial tal qual o são os dos artesãos quando vão para a fábrica. A consideração da dignidade das pessoas passa pela batalha contra a *economicização* do mundo. Por seu lado, o decrescimento insiste justamente na necessária “reavaliação”, ou seja, na necessidade de mudar os valores que alicerçam a sociedade de consumo. E por exemplo, levar em conta o tempo dedicado a cuidar dos outros. A perspectiva do *care* elaborada pelas feministas em reação à impostura da dominação exclusiva da “preocupação consigo mesmo” na sociedade moderna vai perfeitamente ao encontro da revolução ética reclamada pelo decrescimento. Assim, para J. C. Tronto, ela requer “conciliar suas próprias necessidades com aquelas dos outros, equilibrar a competição com a cooperação”.¹⁴ Por certo, reavaliar implica levar em conta aquilo que a contabilidade nacional não considera. Todavia, isso não se fará obrigatoriamente com base no quantitativo. Existem outros índices a serem inventados, a menos que seja necessário libertar-se até mesmo dessa obsessão pelo índice.

1.4 A colonização do imaginário

Embora o tema, sob tal formulação, remeta mais a Castoriadis do que a Illich, encontramos suas bases na obra deste através da crítica à escola e da história das necessidades. Trata-se de travar uma guerra contra as palavras *tóxicas* e de fazer uma limpeza semântica. Reconceituar ou redefinir/redimensionar impõe-se também na ótica do decrescimento, não só, por exemplo, no que diz respeito aos conceitos de riqueza e pobreza,¹⁵ mas também em relação ao par infernal fundador do imaginário econômico: escassez/abundância, que deve ser urgentemente desconstruído. Ora, como bem mostraram Ivan Illich e Jean-Pierre Dupuy, a economia transforma a abundância natural em escassez pela criação artificial da falta e da necessidade através da apropriação da natureza e de sua mercantilização.¹⁶ Os transgênicos são a última ilustração do fenômeno de desapossamento pelos agricultores da fecundidade natural das plantas, em pro-

13 Le genre vernaculaire, Paris Le Seuil, 1982, p. 57.

14 Citado por Alice le Goff, *Care, empathie et justice*, Revue du MAUSS, n. 33, 1^{er} semestre 2009, p. 360.

15 Ver Patrick Viveret, *Reconsidérer la richesse*. L'aube/nord, 2003; Majid Rahnama, *Quand la misère chasse la pauvreté*. Fayard Actes Sud; Arnaud Berthoud, *La richesse et ses deux types*, Revue du MAUSS, n. 21, 1^{er} semestre 2003.

16 Paul Dumouchel; Jean-Pierre Dupuy, *L'enfer des choses*, Seuil, Paris, 1979. Jean-Pierre Dupuy; Jean Robert, *La trahison de l'opulence*, PUF, Paris, 1976.

veito das firmas agroalimentares. A privatização da vida pode com muita pertinência ser analisada como uma nova forma de *dominação* ou de apropriação excludente dos bens comuns. A abundância ou a opulência moderna é uma criação também artificial da economia de crescimento. Se a natureza é, por um lado, fecunda e generosa, ela não é, por outro lado, “superabundante” no sentido econômico. Ela não oferece espontaneamente produtos sofisticados; estes resultam de uma transformação laboriosa dos recursos naturais que lhes agrega valor, mas esse valor não se encontra necessariamente na troca. A extração das energias fósseis gera uma extraordinária desvalorização do trabalho humano que tem como resultado essa “superabundância” artificial apresentada na vitrine espetacular dos hipermercados. Entre as consequências disso estão a banalização das “maravilhas” e o desencantamento do mundo.

Aliás, o processo de colonização do imaginário é perfeitamente descrito por um próximo de Ivan Illich, Majid Rahnema. “Para se infiltrar nos espaços vernáculos, observa esse autor, o primeiro *Homo oeconomicus* adotou dois métodos que não deixam de lembrar, num caso, a ação do retrovírus HIV e, no outro, os meios empregados pelos traficantes de droga”.¹⁷ Trata-se da destruição das defesas imunitárias e da criação de novas necessidades. A primeira é bem realizada pela escola e a segunda, pela publicidade.

Nas sociedades modernas, a educação passa por uma instituição, a escola. Esta foi justamente tema de uma crítica severa por parte de Ivan Illich, a qual se mantém atual. “A maioria aprende pela escola – escreve ele – não somente a aceitação de seu destino, como também a servidão”.¹⁸ Quanto ao fracasso escolar, ele se insere na lógica da instituição, uma vez que ela repousa na concorrência gerada entre as crianças, as quais dispõem de um capital muito desigual. Constitui “a aprendizagem da insatisfação”.¹⁹ Mas como sair disso se os educadores, eles mesmos, são mal educados? “O revolucionário da cultura – responde Illich – aposta no futuro acreditando na possibilidade de educar a pessoa humana”.²⁰ Haveria, pois, uma via alternativa possível para sair do impasse da formatação escolar. O homem nunca é uma pura engrenagem da megamáquina, ele não é uma peça única e inteira, e em qualquer professor consciencioso, mesmo conformista, há uma janela que se abre para a subversão. Os agentes da dissidência, em tempos normais, são certamente in-

17 Majid Rahnema, *Quand la misère chasse la pauvreté*, Fayard/Actes Sud, Paris 2003, p. 214.

18 Ivan Illich, L'enseignement: une vaine entreprise, dans *Libérer l'avenir*, Oeuvres complètes tome 1. Fayard, 2004, p. 135.

19 Ivan Illich, *Libérer l'avenir*, op. cit., p. 157.

20 Ibid., p. 193.

suficientes para minar o sistema, mas as circunstâncias que nenhum poder, nem mesmo o mais totalitário, consegue controlar podem oferecer oportunidades.

Com a comunicação, é ainda mais difícil sair do “totalitarismo” midiático. A informação, pelo seu próprio excesso, a “superinformação”, torna-se, segundo a análise de Jacques Ellul, desinformação e combina-se com a publicidade comercial e política para se tornar deformação, propaganda e manipulação. É uma verdadeira empreitada de intoxicação. Illich aderiu a essa análise daquele a quem chamava afetuosamente “Mestre Jacques”. Denunciou a criação de necessidades pela publicidade como uma “reificação” alienante. “Ter sede – escreve ele – é ter necessidade de Coca-Cola! Essa forma de reificação é o resultado de uma manipulação das necessidades humanas por vastas organizações que conseguiram dominar a imaginação dos consumidores em potencial”.²¹ Para Illich, a conclusão que se impõe é a de que se precisa “desescolarizar” a sociedade e realizar um tratamento de desintoxicação. Infelizmente, ele não fornece muitas pistas para realizar essas transformações necessárias, além da conscientização que a reflexão e a experiência podem gerar.

1.5 A autolimitação das necessidades

“A instalação do fascismo tecnoburocrático – anunciou Ivan Illich – não está escrita nas estrelas. Existe outra possibilidade: um processo político que permita à população determinar o máximo que cada um pode exigir num mundo com recursos manifestamente limitados; um processo de consentimento baseado na fixação e na manutenção de limites ao crescimento da ferramenta; um processo de incentivo à busca radical para que um número crescente de pessoas possa fazer (e não ter) cada vez mais com cada vez menos”. Ele prossegue: “Tal programa ainda pode parecer utópico atualmente (1973), mas se deixarmos que a crise se agrave, ele logo parecerá de um realismo extremo”.²² É justamente o que explica o sucesso atual (relativo) do projeto do decrescimento, essa sociedade autônoma sonhada por Illich em que as necessidades sejam autolimitadas. Na verdade, é o único caminho para fugir do ecofascismo ameaçador.

Além disso, ele denuncia “a condição humana atual, em que todas as tecnologias se tornam tão invasoras que não se poderia mais encontrar alegria senão no que eu chamaria de tecno-

21 Ibid., p. 180.

22 Ivan Illich, *La convivialité*, op. cit. p. 570. Citado também em *Penser et agir avec Illich, Balises pour l'après-développement*, organizado por Martine Dardenne et Georges Trussart, Couleur livres, Bruxelles 2005, p. 16.

jejum”.²³ A limitação necessária de nosso consumo e da produção, assim como o fim da exploração da natureza e do trabalho pelo capital não significam, para ele, um “retorno” a uma vida de privação e labor. Ao contrário, se formos capazes de renunciar ao conforto material, significa uma liberação da criatividade, uma renovação da vida social e a possibilidade de levar uma vida digna. É “a sóbria embriaguez da vida” pregada em seu livro *A convivialidade*.²⁴ Fazendo a exegese do pensamento de Illich e antecipando o conteúdo de uma política do decrescimento, Jean-Pierre Dupuy observa com pertinência: “A alternativa radical aos transportes atuais não são os transportes menos poluentes, menos produtores de gases de efeito estufa, menos barulhentos e mais rápidos; é uma redução drástica da sua dominação sobre nossa vida cotidiana”.²⁵ “Para tanto – afirma ele no mesmo sentido – é preciso romper o círculo vicioso pelo qual uma indústria contribui para reforçar as condições que a tornam necessária; pelo qual os transportes criam distâncias e obstáculos à comunicação que somente eles mesmos podem ultrapassar”.²⁶ “Os usuários – já dizia Illich – romperão as correntes do transporte superpotente quando começarem a amar como a um território seu quarteirão de circulação e a temer dele se afastar com muita frequência”.²⁷ Desapareceria assim a necessidade obsessiva de ir cada vez mais longe, cada vez mais rápido e cada vez mais frequentemente. Em troca, tem-se o retorno ao sentido do lugar de vida, que constitui uma peça estratégica do programa do decrescimento.

1.6 A convivialidade

A *convivialidade*, termo que Ivan Illich toma emprestado ao grande gastrônomo francês do século XVIII, Brillat Savarin (*La physiologie du goût. Méditations de gastronomie transcendante*), visa precisamente tecer o laço social que foi desfeito pelo “horror econômico” (Rimbaud). A convivialidade reintroduz o espírito do dom no comércio social, ao lado da lei da selva, e reata assim com a *philia* (a amizade) aristotélica. Essa preocupação vai perfeitamente ao encontro da intuição de Marcel Mauss, que, em seu artigo de 1924, “Appréciation sociologique du bolchevisme”, defende a ideia, “correndo o risco de parecer ultrapassado e dizer lugares comuns”, de voltar “aos velhos conceitos gregos e latinos de *caritas*, tão mal traduzido hoje por caridade, de *philia*,

23 Ivan Illich, L’origine chrétienne des services, in: *La perte des sens*, Fayard 2004, p. 43.

24 Ivan Illich, *La convivialité*, Seuil, 1973, p. 222.

25 Jean-Pierre Dupuy, *Pour un catastrophisme éclairé. Quand l’impossible est certain*. Seuil, Paris, 2002, p. 59.

26 Jean-Pierre Dupuy, *Pour un catastrophisme éclairé. Quand l’impossible est certain*. Op. cit., p. 59.

27 *Energie et Equité*, op. cit.

de *koinomia*, dessa ‘amizade’ necessária, dessa ‘comunidade’ que são a delicada essência da cidade”.²⁸

Ela reúne todos os temas illichianos: crítica da heteronomia, do *desvalor*, da *contraprodutividade*. Assim, para Ivan Illich, certas ferramentas são conviviais, como a bicicleta ou a máquina de costuras, inventada por Singer por amor à esposa, enquanto outras não o são e jamais o seriam. “Certas ferramentas sempre são destrutivas – afirmou ele – quaisquer que sejam as mãos que as detenham, sejam a máfia, os capitalistas, uma firma multinacional, o Estado ou até mesmo um grupo de trabalhadores. É o caso, por exemplo, das redes de autoestradas de múltiplas vias, dos sistemas de comunicação à longa distância, que utilizam uma larga banda de frequência, da exploração de minério a céu aberto ou ainda da escola. A ferramenta destrutiva aumenta a uniformização, a dependência, a exploração e a impotência; ela tira do pobre sua parte de convivialidade para melhor frustrar o rico com a sua”.²⁹ A reflexão de Illich sobre a ferramenta vai ao encontro da crítica dos objetores de crescimento à industrialização e à tecnociência prometéica que nos condena à heteronomia. Prosseguindo nessa linha, Ingmar Gransted propõe a criação de oficinas vernáculas com equipamentos sofisticados miniaturizados. No setor têxtil, por exemplo, “poderíamos reunir as operações de fiação, estiragem, texturização numa única máquina pequena do tamanho de um armário que poderia caber em oficinas vernáculas, onde estaria acessível às pessoas do bairro. [...] Do mesmo modo, para a reciclagem do papel já se têm algumas tecnologias suficientemente pequenas e simples para poderem ser transportadas por encomenda e alugadas por semana. Implantada no bairro ou no município, uma máquina desse tipo poderia vir acompanhada de cortadoras, grampeadoras e coladores que permitissem aos usuários confeccionar por si mesmos seus blocos e cadernos. Poderíamos agregar também uma fotocopadora ou outro equipamento leve de reprodução”.³⁰ Retomando a ideia de “aldeias urbanas”, de Yona Friedman, a sociedade autônoma seria constituída por uma multiplicidade de comunidades geográficas, tendo cada uma seu centro e um conjunto completo de atividades diversificadas, onde a existência e as relações cotidianas poderiam estreitar-se e voltar a ser humanas.³¹ O resultado dessa *desindustrialização* realizada graças a ferramentas sofisticadas, mas conviviais, seria a prova de que se pode produzir de outro modo e de que, embora a

28 Aqui, citado por Philippe Chanial, in: *La délicate essence du socialisme. L'association, l'individu et la République*, Le bord de l'eau, 2009. p. 35.

29 Ivan Illich, *La convivialité*, Seuil, 1973, p. 51.

30 Ingmar Granstedt, *Du chômage à l'autonomie conviviale*. Col. La ligne d'horizon, ed “A plus d'un titre”, 2ème ed. Lyon, 2007, (1ère édition 1982), p. 52/56.

31 Yona Friedman, *L'architecture de survie. Où s'invente aujourd'hui le monde de demain*. Ed. Casterman, 1978.

autonomia não seja total, ela é mesmo assim enorme. “É essa capacidade crescente de auto-organização local – conclui o autor – que possibilitará que cada comunidade ou região controle seu futuro socioeconômico e invente sua própria originalidade, permanecendo ao mesmo tempo aberta ao mundo”.³²

1.7 Catastrofismo esclarecido e pedagogia das catástrofes

Para realizar a necessária descolonização do imaginário e ganhar a aposta do decrescimento, pensamos que seja amplamente possível contar com o que designamos por “pedagogia das catástrofes”. Essa expressão vem de um dos primeiros pensadores da ecologia, Denis de Rougemont. “Sinto aproximar-se – escreveu ele – uma série de catástrofes organizadas por nossa própria diligência, embora de modo inconsciente. Se elas forem suficientemente grandes para despertar o mundo, mas não o bastante para destruir tudo, direi que são pedagógicas, as únicas capazes de superar nossa inércia e a invencível propensão dos cronistas a tachar de ‘psicose do Apocalipse’ toda e qualquer denúncia de um fator de perigo bem constatado, mas *que é rentável*”.³³ François Partant, outro precursor do decrescimento, adotou a expressão e também passou a contar com o sobressalto provocado pelas ameaças para sair do delírio da sociedade produtivista. Assim, como pensamos, a preocupante canícula do verão de 2003 fez muito mais que todos os nossos argumentos para convencer da necessidade de orientar-se para uma sociedade de *decrescimento* e popularizar esse tema.³⁴ Parece mesmo que o desequilíbrio climático e Fukushima estão demonstrando isso.

Os desarranjos inelutáveis da Megamáquina (contradições, crises, riscos tecnológicos importantes, panes), fontes de sofrimentos insuportáveis, são infortúnios que só podemos lamentar. No entanto, são também ocasiões de conscientização, de questionamento, de recusa ou mesmo de revoltas. Como afirma Jonas, “é melhor dar ouvidos à profecia da infelicidade do que àquela da felicidade”.³⁵ Isso não é pelo gosto masoquista do apocalipse, mas para conjurar a política do avestruz, que é sempre uma forma de otimismo suicida. Em todo caso, não preconizamos em nada um catastrofismo obtuso. Esse “catastrofismo

32 I. Gransted, op. cit., p. 70. No fim de sua vida André Gorz desenvolveu ideias próximas (cf. seu artigo no n. 2 d’Entropia, 1º semestre de 2007).

33 Denis de Rougemont, *Foi et vie*, abril de 1977. Citado por F. Partant, *La Réforme* du 3 mars 1979.

34 Como comprovam os artigos de Jean-Paul Besset, “Faire face à l’agression climatique” (*Le Monde* de 2-08-2003) e de Corinne Lepage, “Ecologie: la révolution ou la mort” (*Le Monde* de 15-08-2003), que são verdadeiros apelos ao decrescimento.

35 Hans Jonas, *Le principe responsabilité, une éthique pour la civilisation technologique*, Editions du Cerf, 1990, Paris, p. 54.

esclarecido” vai ao encontro das análises de Jean-Pierre Dupuy, que, nesse aspecto, prolonga Ivan Illich. O verdadeiro problema, como o autor assinala, é o fato de que “não conseguimos dar um peso de realidade suficiente ao futuro e, em particular, ao futuro catastrófico”.³⁶ “A catástrofe – acrescenta ele – tem algo terrível que é o fato de que não só não *acreditamos* que ela aconteça, embora tenhamos todos os motivos para *saber* que acontecerá, mas também, quando acontece, é vista como resultante da ordem normal das coisas. Sua realidade mesma a torna banal. Ela não era considerada possível antes de acontecer, mas ali está ela integrada, sem formalidade, no ‘mobiliário ontológico’ do mundo, para adotar um termo do jargão dos filósofos. [...] É essa metafísica espontânea do tempo das catástrofes que constitui o obstáculo maior à definição de uma prudência adaptada aos tempos atuais”.³⁷ “Em outras palavras – conclui o autor – o que tem chance de nos salvar é justamente aquilo que nos ameaça”.³⁸ Se, por um lado, esse tema não está muito presente na obra de Illich, por outro, parece que o esquema do decrescimento termina de ser construído por J-P. Dupuy.

2 A paternidade contestada

Segundo Barbara Duden, Ivan Illich tinha horror de toda e qualquer construção sistêmica. Ele jamais teria avalizado uma concepção tão articulada quanto essa da proposta da sociedade de decrescimento.³⁹ De fato, Illich não procurou fazer uma síntese de todos os temas que abordou para apresentar um “projeto” de sociedade alternativa; contentou-se em fazer soar o alarme e satisfez-se com a postura do vigilante ou, no máximo, do conselheiro do Príncipe, mas não adotou a do revolucionário. Desconfiava das rupturas radicais e, apesar de sua simpatia pelos teólogos da libertação, nunca reivindicou sua posição.

O emprego da palavra decrescimento está praticamente ausente em sua obra, talvez tanto quanto a coisa em si, pelo menos em parte. Se o termo “decrescimento” é certamente de uso muito recente no debate econômico, político e social, a origem das ideias que abarca tem uma história mais ou menos antiga. Essa história está ligada, por um lado, à crítica *culturalista* da economia e, por outro, à sua crítica ecologista. Ora, nem uma nem outra são alheias a Illich.

Desde o seu início, a sociedade “termoindustrial” gerou tantos sofrimentos e tantas injustiças que ela não parecia desejá-

36 Cahier de IUED junho de 2003, p. 161. Cf. *Pour un catastrophisme éclairé*, op. cit.

37 *Pour un catastrophisme éclairé*, op. cit., p. 84-85.

38 *Ibid.*, p. 215.

39 Durante um encontro organizado em Bolonha, em 14 de junho de 2003, por iniciativa de Franco La Cecla, em homenagem a Ivan Illich.

vel. O fundamento antropológico da economia como teoria e prática, o *homo oeconomicus*, é denunciado como redutor por todas as ciências humanas.⁴⁰ A base teórica e a aplicação prática (a sociedade moderna) são questionadas e criticadas pela sociologia de Durkheim e Mauss, pela antropologia de Polanyi e Salhins, pela psicanálise de Eric Fromm ou de Gregory Bateson. O projeto de sociedades autônomas e econômicas que o lema do decrescimento abarca não surgiu ontem. Sem remontar a certas utopias do primeiro socialismo, nem à tradição anarquista renovada pelo situacionismo, tal projeto foi formulado, já no final dos anos 1960, por André Gorz, François Partant, Jacques Ellul, Bernard Charbonneau, mas, sobretudo, por Cornelius Castoriadis e Ivan Illich, de um modo que se aproxima muito do nosso. O fracasso do desenvolvimento nos países do Sul e a perda de referências nos países do Norte levaram esses pensadores a pôr em xeque a sociedade de consumo juntamente com suas bases imaginárias: o progresso, a ciência e a técnica. A conscientização da crise do meio ambiente que se dá ao mesmo tempo traz uma nova dimensão: a sociedade de crescimento não somente não é desejável, mas também não é sustentável!

Se a intuição dos limites físicos do crescimento econômico remonta provavelmente a Malthus, é somente com Sadi Carnot e sua segunda lei da termodinâmica que ela encontra seu fundamento científico. Com efeito, o fato de que as transformações da energia em suas diferentes formas (calor, movimento etc.) não são totalmente reversíveis e de nos depararmos com o fenômeno da entropia não pode deixar de ter efeitos sobre uma economia que repousa sobre essas transformações. No entanto, foi somente nos anos 1970 que a questão ecológica no seio da economia foi abordada, principalmente pelo grande cientista e economista romeno Nicolas Georgescu Roegen. Esse autor tira as implicações bioeconômicas da lei da entropia, já imaginadas por Lotka, Schrödinger, Norbert Wiener ou Léon Brillouin nos anos 1940 e 1950.⁴¹ Ao adotar o modelo da mecânica clássica newtoniana, observa Georgescu Roegen, a economia exclui a irreversibilidade do tempo. Portanto, ignora a entropia, ou seja, a irreversibilidade das transformações da energia e da matéria. Assim, os resíduos e a poluição gerados, contudo, pela atividade econômica não fazem parte das funções de produção *standard*. Como afirma Yves Cochet: “A teoria econômica neoclássica dissimula, sob uma elegância matemática, sua indiferença às leis fundamentais da biologia, da química, da física e, principal-

40 Cf. nosso livro *L'invention de l'économie*, Albin Michel, 2005.

41 Em relação à pequena história do decrescimento, cf. Jacques Grinevald, *Histoire d'un mot. Sur l'origine de l'emploi du mot décroissance*. *Entropia*, n. 1, Paragon, Lyon, 2006.

mente, da termodinâmica”.⁴² Ela é um *nonsense* ecológico.⁴³ Em suma, o processo econômico real, diferentemente do modelo teórico, não é um processo puramente mecânico e reversível, sendo, portanto, de natureza *entrópica*. Desenrola-se numa biosfera que funciona num tempo limitado.⁴⁴ Para Nicolas Georgescu Roegen, daí resulta a impossibilidade de um crescimento infinito num mundo finito e a necessidade de fazer uma *bioeconomia*, isto é, pensar a economia no seio da biosfera. Foi assim que o termo “decrecimento” foi empregado em francês para intitular uma coletânea de seus ensaios.⁴⁵ Embora não tenha se debruçado no assunto, nosso autor compartilha incontestavelmente esse substrato ecológico do decrecimento. Todavia, a apresentação “sistêmica” dos círculos virtuosos do decrecimento sereno, convivial e sustentável, que desagradava a Barbara Duden, talvez marque uma ruptura em relação ao ensinamento de Illich. E isso, mesmo que a utopia concreta do decrecimento não seja uma alternativa, propriamente falando, e sim uma matriz de alternativas, um esquema pedagógico e não um programa político.

O projeto do decrecimento é uma utopia no sentido positivo do termo, ou seja, uma fonte de esperança e de sonho. “Sem a hipótese de que outro mundo seja possível, não há política, apenas a gestão administrativa dos homens e das coisas”.⁴⁶ Trata-se de uma proposta necessária para reabrir o espaço da inventividade e da criatividade do imaginário, bloqueado pelo totalitarismo economicista, desenvolvimentista e progressista. A rigor, como apreciamos destacar, seria mais conveniente, no nível teórico, falar de “a-crescimento”, como se fala de “a-teísmo”, do que de “de-crescimento”. O decrecimento é, pois, um projeto político, na plena acepção da palavra, de construção, tanto no Norte como no Sul, de sociedades conviviais, autônomas e econômicas.⁴⁷ Ele não se insere no espaço da política politiqueria, visando, ao contrário, devolver ao político toda a sua dignidade. Nesse sentido, compartilha todas as tentativas de fazer política de modo diferente, seja com a experiência dos neozapatistas do Chiapas ou as reflexões de uma parte da esquerda radical euro-

42 Yves Cochet, *Pétrole apocalypse*, Fayard, 2005, p. 147.

43 “Uma pepita de ouro puro contém mais energia livre que o mesmo número de átomos de ouro diluídos um a um dentro da água do mar”. *Ibid.* p. 153.

44 “Não podemos – escreve Nicholas Georgescu Roegen – produzir refrigeradores, automóveis ou aviões “melhores e maiores” sem produzir também resíduos “melhores e maiores”. Nicholas Georgescu Roegen, *La décroissance*, apresentação e tradução de Jacques Grinevald e Ivo Rens, Sang de la terre, 1995, p. 63.

45 *La décroissance*, apresentação e tradução de Jacques Grinevald e Ivo Rens, Sang de la terre, 1995.

46 Geneviève Decrop, “Redonner ses chances à l’utopie”, *Utopia*, n. 1, Parangon, Lyon 2006, p. 81.

47 * NdT.: No sentido de poupar ou economizar os recursos.

peia.⁴⁸ Para aclarar sua exposição, declinamos o decrescimento em três eixos: a crítica radical da sociedade de crescimento, a utopia concreta dos círculos virtuosos do decrescimento convi-
vial e o programa político da transição. A utopia concreta que constitui seu cerne não é um programa no sentido eleitoral do termo. Ela pressupõe certamente um projeto, mas esse projeto baseado numa análise concreta da situação não é imediatamente transponível em objetivos que possam ser alcançados. É a coerência teórica do conjunto que é buscada. Embora seja conveniente para a exposição compreender as etapas, elas não devem ser interpretadas como uma agenda. Isso vem depois.

Nos anos 1960, os professores de economia e os tecnocratas vangloriavam-se dos círculos virtuosos do crescimento. Foi a época que um deles designou por “trinta gloriosos anos”, enquanto os economistas críticos designam o período seguinte como os “trinta anos infames”. Na realidade, os “trinta gloriosos anos”, balanço feito dos danos sofridos pela natureza e pela humanidade, foram, como afirma o “jardineiro planetário”, Gilles Clément, e também René Dumont já em 1974, os “trinta anos desastrosos”.⁴⁹ Os círculos virtuosos revelaram-se em muitos aspectos, afinal, mais perversos. A desordem climática que nos ameaça atualmente, por exemplo, é fruto de nossas “loucuras” do passado, uma vez que o dióxido de carbono leva de 50 a 70 anos para se dissipar na atmosfera. Em contrapartida, a revolução exigida pela construção de uma sociedade autônoma de decrescimento pode ser representada pela articulação sistemática e ambiciosa de oito mudanças interdependentes que se reforçam reciprocamente. Podemos resumir o conjunto num “círculo virtuoso” em oito R. Esse esquema enquanto tal concerne, inicialmente, apenas às sociedades do Norte. A construção de sociedades autônomas no Sul não pode ocorrer sob o signo do decrescimento (aliás, nem do crescimento), mas sob aquele da emancipação do imperialismo econômico, político e principalmente cultural. Embora o conteúdo desses objetivos se decline de maneira diversa segundo o contexto e integre muitas preocupações de Illich, a articulação do conjunto guarda um potencial de radicalismo subversivo, sem dúvida alheio ao pensamento de Illich. A passagem à sociedade autônoma não pode evitar uma dupla revolução cultural e social. Por certo isso não significa necessariamente um processo violento como a tomada do poder pelos bolcheviques. Aliás, de acordo com André Gorz, essa violência é ainda menos inelutável pelo fato de que “a civilização capitalista [...] caminha inexoravelmente rumo ao seu colapso catastrófico; não é mais necessário que haja uma classe revolucionária para abater o capitalismo, pois ele cava sua própria sepul-

48 Pierluigi Sullo, *Postfuturo*. Carta/Intra Moenia, 2008.

49 Gilles Clément et Louisa Jones, *Une écologie humaniste*, ed. Aubanel, 2006.

tura e a de toda a civilização industrial”.⁵⁰ De qualquer maneira, mesmo que não seja necessariamente violenta em seu princípio, essa mudança não pode ser o resultado apenas de uma conversão pacífica. Se a tomada do palácio de inverno não está na pauta, isso não quer dizer que se devam cruzar os braços e esperar tranquilamente o desmoronamento do sistema. Diante da incrível violência da megamáquina, que se transforma em aparelho militar terrivelmente repressivo, a resistência pressupõe um mínimo de autodefesa organizada, como tenta fazê-lo, por exemplo, no contexto mexicano, o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), que, ao mesmo tempo em que procura evitar cair na armadilha da espiral da violência, esforça-se para proteger a população indígena dos massacres fomentados pelo poder instaurado.

Sem dúvida, aí está a diferença entre a pedagogia das catástrofes que definimos e o catastrofismo esclarecido de Jean-Pierre Dupuy. Nenhum dos dois pressupõe o desejo do pior e ambos visam a conjurá-lo, mas a primeira repousa na experiência e no choque de crises anunciadoras, que o segundo pensa talvez evitar. Não foi por acaso que François Partant, que é sempre uma de nossas referências, intitulou uma de suas obras *Que la crise s'aggrave!* Pensamos que tal título não teria a aprovação de Ivan Illich (muito menos a de Jean-Pierre Dupuy...).

3 Conclusão

Quaisquer que sejam as nuances divergentes entre nosso projeto e a boa nova de Ivan Illich, compartilhamos a mesma aspiração de alcançar a sabedoria do caracol, emblema do decrescimento (e do movimento amigo *slow food*). O caracol nos ensina não somente a necessária lentidão, mas também outra lição ainda mais necessária. Como nos explica Ivan Illich, “o caracol constrói a delicada arquitetura de sua concha, acrescentando uma após a outra as espiras cada vez maiores, e depois cessa bruscamente, começando a encaracolar-se em voltas decrescentes. Porque uma única espira ainda maior daria à concha uma dimensão 16 vezes maior. Em vez de contribuir para o bem-estar do animal, ela o sobrecarregaria. Assim, todo aumento de sua produtividade serviria apenas para remediar as dificuldades criadas por esse aumento da concha além dos limites fixados por sua finalidade. Passado o ponto-limite de aumento das espiras, os problemas do supercrescimento multiplicam-se em progressão geométrica, enquanto a capacidade biológica do caracol consegue apenas, na melhor das hipóteses, seguir uma progressão aritmética”.⁵¹ Esse divórcio do caracol em rela-

50 André Gorz, *Capitalisme, socialisme, écologie*, op. cit., p. 27.

51 Ivan Illich, *Le genre vernaculaire*, in: *Oeuvres complètes* tome 2, op. cit., p. 292.

ção à razão geométrica, que ele havia desposado por um tempo, nos mostra a via para pensar uma sociedade de “decrescimento”, se possível serena e convivial.

O caracol (*caracol* em espanhol) tornou-se também um dos símbolos do movimento neozapatista. O tempo dos antigos Maias é simbolizado por um velho homem saindo de uma concha de caracol, ou seja, de uma espiral. Para as culturas mesoamericanas pré-colombianas, o caracol não é exatamente o nosso caracol. Ele se refere a um molusco de água doce ou a uma grande concha marinha. Essa concha do caracol dos Chiapas, muito maior que os nossos caracóis, era usada tradicionalmente pelos índios como corneta, principalmente para convocarem as assembleias comunitárias. De modo muito natural, os *caracoles* passaram então a designar as cinco circunscrições políticas autônomas (biorregiões) da zona libertada. Além disso, para os anciões, segundo Jérôme Baschet, seria a forma do coração, “de modo que é possível entrar no coração ou sair dele para entrar no mundo”. “Ele preserva sua interioridade, abrindo-se ao mesmo tempo para o exterior, abre-se para o outro voltando ao mesmo tempo a si mesmo. É esse simbolismo de interação fecunda entre o interior e o exterior que serve para entender a principal missão atribuída aos *Caracoles*”.⁵² Embora as razões da escolha do caracol como símbolo sejam diferentes no movimento do decrescimento, no movimento *slow food* e para os neozapatistas, a aproximação dos três é pertinente. Não nos desagrada tê-lo como um símbolo da convergência das vias.

52 Jérôme Baschet, “La rébellion zapatiste”, Champs Flammarion, 2005, p. 283.

TEMAS DOS CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – Dr. José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Dra. Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – MS Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Jornalista Sonia Montañó
- N. 04 *Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Dr. Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Profa. Dra. Suzana Kilpp
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Profa. Dra. Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Prof. Dr. Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Profa. Dra. Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Profa. Dra. Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Profa. Dra. Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Prof. Dr. Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Profa. Dra. Débora Krischke Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Profa. Dra. Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Profa. Dra. Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Profa. Dra. Lucilda Selli
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Prof. Dr. Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Prof. Dr. Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Profa. Dra. Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Profa. Dra. Nísia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – MS Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Prof. Dr. Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – Prof. MS José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Prof. Dr. Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – Prof. Dr. André Gorz
- N. 32 *À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades* – Prof. Dr. André Sidnei Musskopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Profa. Dra. Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Prof. Dr. Airon Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho
- N. 38 *Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Prof. Dr. Luiz Mott.
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Prof. Dr. Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – MS Adriana Braga
- N. 41 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Profa. Dra. Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Prof. Dr. Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva & Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Prof. Dr. Gérard Donnadiu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Prof. Dr. Lothar Schäfer
- N. 46 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Profa. Dra. Ceres Karam Brum

- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Prof. Dr. Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Prof. Dr. Gérard Donnadiu
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Prof. Dr. Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Prof. Dr. Evilázio Teixeira
- N. 51 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Éldia Azevedo Hennington & Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais* – Prof. Dr. Thomas Kesselring
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Prof. Dr. Adriano Naves de Brito
- N. 53 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 54 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – Prof. Dra. An Vranckx
- N. 55 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 56 *O decrescimento como condição de uma sociedade convívial* – Prof. Dr. Serge Latouche
- N. 57 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Prof. Dr. Günter Küppers
- N. 58 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Dra. Hazel Hendersson
- N. 59 *Globalização – mas como?* – Prof. Dra. Karen Gloy
- N. 60 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – MS Cesar Sanson
- N. 61 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo* – Prof. Dra. Regina Zilberman
- N. 62 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Prof. Dr. Fernando Lang da Silveira e Prof. Dr. Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 *Neogações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
- N. 65 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Prof. Dra. Léa Freitas Perez
- N. 66 *Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Prof. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. João Guilherme Barone
- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Prof. Dr. Ney Lemke
- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Prof. Dra. Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Prof. Dra. Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Prof. MS Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Prof. Dra. Ana Maria Lugião Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Prof. Dr. Octavio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Prof. Dr. Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Prof. Dr. Arno Alvarez Kern
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Prof. Dra. Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Bioética* – Prof. Dr. Alfredo Culleton & Prof. Dr. Vicente de Paulo Barretto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Prof. Dr. Attico Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Prof. Dra. Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Prof. Dr. Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Prof. Dra. Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Prof. Dr. Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Prof. Dr. Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Prof. Dra. Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Prof. Dr. Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Prof. Dr. Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – MS Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência* – Prof. Dr. Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – MS Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Prof. Dra. Marinês Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – MS Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Dra. Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Prof. Dr. Valerio Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes

- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – MS Adriano Premebida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Profa. Dra. Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Profa. Dra. Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Profa. Dra. Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático?* – Prof. Dr. Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Prof. Dr. Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Prof. Dr. Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – MS Sonia Monteiro
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Prof. MS Carlos Daniel Baioto
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques & Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral & Nedio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascudo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth* – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet & Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *A filia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira & Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklass Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke & Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borba da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta
- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greyce Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge & Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schutz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois”* – Claudia Wasserman

- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perroux Fortes de Sales
- N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
- N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva



Serge Latouche é economista, sociólogo, antropólogo e professor emérito de Ciências Econômicas na Universidade de Paris-Sul (1984). É presidente da Associação dos Amigos da Entropia e presidente de honra da Associação Linha do Horizonte. É doutor em Filosofia, pela Universidade de Lille III (1975), e em Ciências Econômicas, pela Universidade de Paris (1966), diplomado em Estudos Superiores em Ciências Políticas pela Universidade de Paris (1963). Latouche é um dos históricos

contribuidores da revista do movimento intitulado M.A.U.S.S. (sigla para Movimento AntiUtilitarista nas Ciências Sociais), além de ser professor emérito também da Faculdade de Direito, Economia e Gestão Jean Monnet (Paris-Sul), no Instituto de Estudos do Desenvolvimento Econômico e Social (IEDS) de Paris.

Algumas publicações do autor

LATOUCHE, Serge. *Pequeno tratado do decrescimento sereno*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. "O decrescimento como condição de uma sociedade convivial". In: *Cadernos IHU ideias*, ano 4, n. 56, São Leopoldo, 2006.

_____. *Os perigos do mercado planetário*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

_____. *A ocidentalização do mundo: ensaio sobre a significação, o alcance e os limites da uniformização planetária*. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. *Análise econômica e materialismo histórico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.